

JOÃO DO RIO ENTRE O RÉS DO CHÃO E O ALTO DA MONTANHA

JOÃO DO RIO BETWEEN THE GROUND FLOOR AND THE TOP OF THE MONTANHA

Fátima do Nascimento Varela (UNEMAT)¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo do gênero crônica e a sua relação com a vida e a obra de João do Rio, um dos maiores cronistas do fim do século XIX e início do século XX, e a relação entre literatura e imprensa. Quanto à crônica, realizamos um percurso analítico sobre a gênese desse gênero literário que nasceu com o folhetim, mas sofreu transformações e deixou de ser um texto com a intenção somente de informar para atuar como um agente de sensibilização, de conhecimento e de reflexão de uma sociedade em transformação. A crônica nos possibilita observar como as mudanças sociopolíticas interferem profundamente na vida daqueles passam a ser descartáveis, que já não encontram lugar na nova ordem estabelecida pela “civildade”. A nossa pesquisa está fundamentada nos estudos sobre a crônica e sobre o escritor-jornalista João do Rio realizados por Antonio Candido, Luiz Roncari, Renato Cordeiro Gomes e Brito Broca.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Tangará da Serra. Professora Contato: fatima.varela@unemat.br .

Palavras-chave: João do Rio; Crônica; Literatura e Imprensa.

Abstract: This work aims to carry out a study of the chronicle genre and its relationship with the life and work of João do Rio, one of the greatest chroniclers of the late 19th century and early 20th century, and the relationship between literature and the press. As for the chronicle, we carried out an analytical journey on the genesis of this literary genre that was born with the serial, but underwent transformations and ceased to be a text with the sole intention of informing to act as a sensitizing agent, knowledge and reflection on a society in transformation. The chronicle allows us to observe how sociopolitical changes profoundly interfere in the lives of those who become disposable, who no longer find a place in the new order established by “civility”. Our research is based on studies on the chronicle and on the writer-journalist João do Rio carried out by Antonio Candido, Luiz Roncari, Renato Cordeiro Gomes and Brito Broca.

Keywords: João do Rio; Chronicle; Literature and Press.

Introdução

*A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e teto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.*

*Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vãos de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até fechar o homem: na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.*

(João Cabral de Melo Neto)

A crônica traz, em si, a tentativa de captar, com profundidade, a essência sublime de um instante fugaz e uma aparente despreensão. Trata-se de um gênero que nasceu com o folhetim, nutre-se do cotidiano; e, de acordo com Candido (2003, p. 89), “a sua perspectiva não é dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. Em *A vida ao rés-do-chão* (2003), Antonio Candido, sociólogo de formação, que se consolidou como crítico literário, estabelece as semelhanças entre a crônica e a vida, e destaca as nuances que singularizam esse gênero literário e expressam sua grandeza. Nesse sentido, podemos afirmar que a vida e a obra de João do Rio, escritor-jornalista da virada do século XIX para o século XX, dialoga com as reflexões de Antonio Candido sobre a crônica.

Além disso, a obra de João do Rio reflete a ideia, defendida por Candido (2003), a respeito do desejo de representar a formação de uma cultura marcada pela pluralidade. João do Rio “abandonou as reflexões de gabinete, revolucionou o jornalismo carioca, adotando a reportagem, o inquérito e a entrevista, quando ia atrás da notícia, estivesse ela nas ruas, nos morros, no meio político, nos espaços da boemia ou nos salões” (Gomes, 2005, p. 16). Assim ele transita entre o rés do chão e o alto da montanha. Seu olhar capta as contradições da cidade e decifra suas sombras na tessitura das crônicas.

Antonio Candido soube, como nenhum outro, captar as idiosincrasias das primeiras manifestações artísticas literárias brasileiras. Embora, num primeiro momento, estas ainda se mostrassem presas às influências europeias, ele demonstrou sensibilidade ao descrevê-las, e colocou em evidência o valor dessas manifestações e das produções que, mais tarde,

representariam a aurora de uma nação e suas peculiaridades. Ou seja, simbolizariam o caráter genuíno de uma cultura que traz em si a marca da pluralidade, do encontro de diversas culturas. Questões estas que também permeiam a escrita de João do Rio, uma figura que se destaca como cronista no início do século XX.

O texto “João do Rio na vitrina”, de autoria de Carlos Drummond de Andrade, no evento de comemoração ao centenário do nascimento do escritor, é um acontecimento que legitima o valor literário das crônicas de João do Rio. O texto, além de ser uma homenagem a esse escritor-jornalista, “[...] é um convite para a exposição realizada pela Biblioteca Nacional, espaço que cumpre papel importante para o levantamento de imagens sobre a história da literatura brasileira, principalmente pelo seu importante acervo iconográfico”². A obra de João do Rio dialoga com as reflexões de Candido acerca das relações entre literatura, imprensa e vida social, devido ao seu estilo ímpar, primando pela representação estética das relações entre o jornalismo, o social, a política e a cultura.

Luiz Roncari (1985), no seu ensaio *A estampa rotativa na crônica literária*, sobre a relação entre o texto literário e a sua forma de circulação inaugural, no momento da origem de determinada composição textual, apresenta o estudo de três gêneros literários, em períodos distintos da História da Literatura no Brasil: a relação do sermão com o púlpito; a relação do romance com a sua publicação nos folhetins, jornais e revistas do século XIX; e o estudo da crônica literária com os jornais e revistas nos séculos XIX e XX. Neste último, Roncari chama a atenção para a importância do estudo da crônica literária dentro

² Disponível em: <http://revistatopus.com.br/enviados/201654214657.pdf> . Acesso em: 24/07/2024.

do conjunto de relações que a envolve, desde a sua produção, a relação autor-herói, até a forma específica de circulação. É com base nos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin que ele reconhece a importância desse estudo para o aprofundamento da obra literária. A obra de João do Rio situa-se na senda dessas ideias.

Renato Cordeiro Gomes, professor, intelectual e escritor, desenvolveu pesquisas sobre a cidade, a cultura midiática e outros temas correlatos, entre os quais se insere um livro sobre a vida e a obra de João Paulo Alberto Coelho Barreto, o João do Rio. Considerado um ícone do seu tempo, Gomes tomou consciência da importância do conjunto de relações que envolvem a obra literária, mais especialmente do gênero crônica, e sua forma específica de circulação: a imprensa. Porém, ele não deixou de considerar também a importância das editoras como um espaço de divulgação e fortalecimento da obra literária; e

[...] demonstra uma aguda consciência do papel da imprensa no mundo moderno, tributário do instante (Lembre-se de que “O instante” é o título da coluna que assina com o pseudônimo Joe, na Gazeta de Notícias e depois em O Paiz), e prende-se à matéria (a realidade observada), com que vai construindo uma obra em progresso, aberta e inacabada, esse poema semanal, cuja grandeza, sem a grandiloquência do épico tradicional é feita do instantâneo (como o fixado pelo fotógrafo, como afirma numa crônica de *Pall-Mall Rio*), do flagrante do cotidiano urbano (Gomes, 2005, p. 13).

A cidade do Rio de Janeiro, centro comercial, político e populacional, na virada do século XX, é influenciada fortemente por modos de vida europeus: dominada pelo desejo

de modernização atrelado aos anseios da burguesia, necessita se desvencilhar de todo e qualquer traço colonial e adquirir a feição da modernidade, espelhar “civilidade”, intensificando as contradições existentes na cidade. Essa questão será matéria para a produção de João do Rio, que se interessa “pelo avesso do Rio de Janeiro para decifrá-lo” (Gomes, 2005, p. 23).

Possuidor de uma sensibilidade aguda, João do Rio, ao observar a rua, percebe a animosidade que envolve esse espaço. Para esse autor, a rua vai além dela mesma, é reveladora da alma dos seres que a habitam e da cidade, é o lugar onde a vida acontece coletivamente, “a rua tem alma! [...] a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte” (Barreto, 1995, p. 4).

De acordo com Candido (2003, p. 89), a crônica, “[...] por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”. E, na visão desse crítico literário, justamente pelo fato de a crônica não ser considerada um gênero maior, é que ela se aproxima mais de nós, além de ter o poder de captar a essência humana nas pequenas cenas do cotidiano, nos pequenos gestos e expressões.

João do Rio e a crônica: a simbiose

João do Rio exala encanto, originalidade e vigor nas suas criações e no seu modo de existir. Enquanto repórter, revelou-

se um artífice das palavras, um cronista que desponta com seu estilo próprio marcado pelo olhar, que transforma o corriqueiro em um evento extraordinário, “retrata o tempo, canta a imagem do turbilhão que remexe a ordem do mundo e não deixa nada fixo no lugar, [...] vê o cotidiano com um olhar estranho, alguém capaz de observar e julgar o movimento, a mudança, e alertar para o que tem de extraordinário, o que parece corriqueiro” (Roncari, 1985, p. 14).

Gomes (2005) nos oferece um estudo crítico acerca das figurações da cidade na obra de João do Rio. Ele destaca o caráter excêntrico e prolífero do trabalho de João do Rio, e caracteriza a obra desse cronista como uma simbiose entre jornalismo e literatura; e, assim, reacende reflexões do jornalista Brito Broca, em *A vida literária no Brasil - 1900* (2005), para quem:

A produção de Paulo Barreto na imprensa nas duas primeiras décadas do século XX foi simplesmente assombrosa. Basta dizer que os quinze ou vinte volumes que deixou não absorveram senão uma pequena parte de centenas de crônicas, reportagens, contos, artigos dos mais diferentes gêneros, muitos firmados com outros pseudônimos. É difícil distinguir nessas páginas escritas quase ao correr da pena, ao trepidar dos linotipos e às fumaçadas de um cigarro, onde termina o jornalismo e começa a literatura. João do Rio conseguia realizar, freqüentemente, um acordo entre as duas formas de atividade intelectual. “Literatura apressada” diria, talvez, José Veríssimo, aplicando-lhe o mesmo rótulo com que condenara a obra dispersiva de um Valentim Magalhães (Broca, 2005, p. 326).

Diríamos que a simbiose, mencionada por Broca, se dá também entre o próprio escritor João do Rio e a cidade do Rio de Janeiro, entre o escritor-jornalista e o gênero crônica. Vida

e obra se confundem, ambas cintilam um estado de poesia, à medida que buscam exprimir a verdade mais profunda em pequenos gestos do cotidiano. É possível captar não somente em suas crônicas, mas também no seu modo de ser, sentir e agir, a essência da natureza humana, imperfeita, ambígua e bela, e apreender instantes carregados de sentidos, transformando-os em substância perene.

Renato C. Gomes, profissional da imprensa, ressalta que João do Rio “escreve vertiginosamente nos principais jornais e revistas ilustradas do país [...], revelando-se, por excelência, o cronista que registra tanto as transformações e o cotidiano do Rio de Janeiro das reformas urbanas, quanto os acontecimentos do Brasil e do mundo” (Gomes, 2005, p.11). Sua obra evidencia sensibilidade em captar e expressar pela criação estética literária o espírito das coisas. Ele não era apenas repórter, revelou-se um artista das palavras, um cronista exímio, que transitou por diversos espaços da capital do Rio de Janeiro, como um observador distante; e, ao mesmo tempo, partícipe dos acontecimentos.

João do Rio foi um dos responsáveis pela transformação composicional do gênero crônica, descrito por Candido, em *A vida ao rés do chão* (2003). Nas palavras deste autor, a crônica deixou de ser um texto com “a intenção de informar e comentar [...], para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro” (Candido, 2003, p. 89). Ainda na trilha do pensamento do autor, antes de ser crônica, ela

[...] foi folhetim, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - política, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção

“Ao correr da pena”, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos, o ‘folhetim’ foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância (Candido, 2003, p. 89).

A vida de João do Rio expressa as reflexões de Candido a respeito do gênero crônica, à medida em que se singulariza, faz-se ambíguo, filho da cidade, assim como a crônica é “filha da cidade, presa ao instante e veiculada pela imprensa” (Gomes, 2005, p. 16). Dotado de perspicácia e percepção intensa do seu tempo histórico, político e social, João do Rio cria estratégias para driblar os ditames da modernidade que chega às periferias globais. Para isso, ele cria pseudônimos e

um tipo – o dândi – construção afetada, elegantemente vestido, terno bem talhado, camisa de seda, gravata fina, colete colarinho alto e rígido, *plastron*, chapéu de bico, monóculo, bengala, figurino à moda de Paris ou de Londres, que compunha a figura volumosa, beicuda, muito moreno, lisa de pêlo” (segundo Gilberto Amado), que buscava a sensação de ser diferente: um bombo que quer chamar atenção, tudo fazendo, porém, para não ser um Zé Pereira (Gomes, 2005, 16).

Irônica e paradoxal é a natureza de João do Rio. Ele mimetiza a cidade do Rio de Janeiro. Antelo (1985, p.98), em *As rugas de João do Rio*, afirma que o dandismo “mesmo sendo uma atividade de revolta, não configura uma ideologia. [...] Ele apela ao frívolo para se opor ao sério, luta contra o pragmatismo, defendendo o idealismo”, e busca nos dejetos expelidos pelo sistema da modernidade a matéria viva para a criação das suas crônicas.

Os capítulos que compõem a obra de João do Rio, intitulada *A alma encantadora das ruas* (1995), a saber: “O que se Vê nas Ruas”; “Três aspectos da miséria” e “Onde às vezes termina a rua”, ecoam vozes condenadas ao silenciamento que encontram espaço nas ruas. Para esse autor, a rua é a personagem central, considerada por ele um ser vivo e “o motivo emocional da arte urbana mais forte e mais intenso” (Rio, 1995, p. 19).

Enquanto escritor-jornalista, João do Rio personificou a cidade e a retratou de forma mais próxima possível da realidade que ele observa de perto e da paisagem humana apreendida nas ruas, que constituem espaços díspares da cidade onde a vida acontece, ora revestida pelo trágico e o crime, pela miséria e a fome; ora pela arrogância, a futilidade e a opulência que ofuscam suas contradições. “O Rio de Janeiro vive na obra de Paulo Barreto. A cidade foi variando de alma e de fisionomia, mas o escritor acompanhou-a, a todos os instantes” (Antelo, 1985, p. 19). Portanto, é possível afirmar que a rua é personagem central da produção de João do Rio, criada por ele como “[...] um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis [...]” (Rio, 1995, p. 04).

Na crônica *Pequenas Profissões*, de João do Rio, que inaugura a primeira parte de *A alma encantadora das ruas* (1995), ao deter o olhar no negociante ambulante, o escritor retrata as sutilezas de uma profissão ignorada, que encontra espaço nos recantos da cidade. O narrador-protagonista da crônica, em um passeio, acompanhado do personagem Eduardo, no ex-Largo do Paço, observa e decifra a intenção de um cigano “de *frack* e

chapéu mole” se aproximando de um catraieiro que, “pelos seus gestos duros, pelo brilho do olhar, bem se percebia que o catraieiro seria a vítima definitiva, que ele talvez procurasse desde manhã, como milhafre esfomeado” (Rio, 1995, p. 23). É a rua quem abre espaço para o exercício da profissão do cigano. É nesse espaço que os “desgraçados não se sentem de todo sem auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua se abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte” (Rio, 1995, p. 4).

É admirável a sensibilidade do olhar atento do escritor João do Rio. Ele capta, num instante fugaz, a face oculta da cidade, “a ferida escondida pela ostentação”. Ao invés de se aliar aos discursos produzidos em prol da manutenção e justificação de estruturas que intensificam a desigualdade, a exclusão, a miséria de uma parcela da sociedade, seres embrutecidos que “trabalham confinados numa espécie de campo de concentração” (Gomes, 2005, p. 26), ele detém o olhar em outra parcela da sociedade, sustentada pela força do trabalho desses seres invisíveis. Esse autor esmiúça e desvela as causas que levam pessoas a ocuparem certos espaços e a exercerem determinadas profissões, que são:

[...] produtos da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao baixo comércio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmiúça no próprio monturo a vida dos desgraçados. Aquelas calças do cigano, deram-lhas ou apanhou-as ele no monturo, mas como o cigano não faz outra cousa na sua vida senão vender calças velhas e anéis de *plaquet*, aí tens tu uma profissão da miséria, ou se quiseres, da malandrice – que é sempre a piores das misérias. Muito pobre diabo por aí pelas praças parece sem ofício, sem ocupação. Entretanto, coitados! o ofício, as ocupações, não lhes faltam, e honestos, trabalhosos, inglórios, exigindo o faro dos cães e a argúcia dos *repórteres* (Gomes, p. 24, grifos do autor).

A crônica coloca em evidência a relação paradoxal instaurada pela corrida em direção à modernização. A máquina, símbolo do progresso, é a geradora da miséria humana. João do Rio é o artista da palavra, dono de uma percepção profunda da realidade, que toma consciência dessa engrenagem responsável pela mudança; e, simultaneamente, faz tudo permanecer em seu exato lugar, mesmo diante das profundas transformações sociais, políticas e culturais da época. A profissão do cigano é uma profissão da miséria, sustentada pelo lixo – calças velhas, anéis de *plaquet* – produzido pelas classes abastardas habitantes de um outro mundo, distante dos monturos. Lugar este onde parte da sociedade encontra condições para a sobrevivência. Mas o escritor adverte: “[...] Entretanto, coitados! o ofício, as ocupações, não lhes faltam, e honesto, trabalhosos, inglórios, erigindo o faro dos cães e a argúcia dos *repórteres* (Rio, 1995, p. 24, grifo do autor).

Já o narrador da crônica lança um olhar enviesado para a condição existencial daqueles que vivem dos restos, dos escombros fabricados pela “civilidade”. É o olhar de quem experiencia o contato íntimo com essa condição, percebe a mudança contida na frase do personagem Tancredo do romance *O Leopardo* (1958), do romancista Giuseppe Tomasi di Lampedusa. E, a partir dessa visão, João do Rio tece sua obra, criando no texto uma via possível de contato com o mundo interior dos seres que sobrevivem das migalhas jogadas nos monturos das cidades. Esse olhar atua como uma porta, que se abre para uma perspectiva humanizadora sobre os relegados ao abandono e ao exercício de profissões da miséria ou da malandrice, “que é sempre a pior das misérias” (Rio, 1995, p. 24).

O livro *O Leopardo* (1958), do romancista Giuseppe Tomasi di Lampedusa, retrata um momento histórico da sociedade italiana, no final do século XIX e início do século XX, marcado pela decadência daquela aristocracia. O príncipe Dom Fabrício, protagonista do romance, dotado de uma inteligência que o diferencia dos demais personagens da trama, e de uma sensibilidade estética que o faz capaz de distanciar-se de si mesmo, perceber o lugar ocupado pela classe aristocrática, em uma época de transição, e encontrar uma saída para a sua sobrevivência e manutenção do seu *status quo*.

Toda essa trama está inscrita na frase dita pelo sobrinho de Dom Fabrício, o personagem Tancredo: “as coisas precisam mudar para continuar as mesmas”. Dom Fabrício adota um comportamento que o coloca na fronteira entre dois mundos distintos, mas que possuem entre si uma intrínseca relação de interdependência, assim como ocorreu em sociedades subalternas, regidas pelo sistema colonial, e que sofreram mudanças somente na superfície das estruturas sociais e se mantiveram na mesma ordem, que prima pela produção da miséria, atuando como sustentáculo da manutenção da burguesia.

É nessa seara que caminha as produções de João do Rio. Em *Os trabalhadores de Estiva*, o leitor se depara com o reluzir dos primeiros sinais que anunciam o compasso do movimento frenético ao despertar da cidade. O olhar do narrador percorre os recônditos das ruas da cidade do Rio de Janeiro, e transfigura os sons produzidos pela máquina, pelos carregadores, catraieiros:

Às 5 da manhã ouvia-se um grito de máquina rasgando o ar. Já o cais, na claridade pálida da madrugada, regurgitava num vai-e-vem de carregadores, catraieiros, homens de bote e vagabundos maldormidos à beira dos

quiosques. Abriam-se devagar os botequins ainda com os bicos de gás acesos; no interior os caixeiros, preguiçosos, erguiam os braços com bocejos largos. Das ruas que vazavam na calçada rebentada do cais, afluía gente, sem cessar, gente que surgia do nevoeiro, com as mãos nos bolsos, tremendo, gente que se metia pelas bodegas e parava à beira do quiosque numa grande azáfama (Rio, 1995, p. 107).

No excerto acima, o narrador descreve o grito onipotente da máquina rasgando o ar, como uma afirmação de sua força, do seu poder e como símbolo do progresso. Este, por sua vez, desponta no ar em dissonância com a claridade pálida da madrugada sobre o cais que transborda trabalhadores, carregadores, catraieiros, vagabundos *maldormidos*, seres desumanizados, incapazes de se reconhecerem dentro dessa engrenagem que os cerceia, e os oprime. O narrador se impressiona com as fisionomias resignadas, seres que carregam na pele a marca da exploração.

A crônica *Velhos Cocheiros*, que também faz parte de *A alma encantadora das ruas*, suscita reflexões em torno da figura do cocheiro. Esta profissão, que vivenciou seu apogeu no século XIX e começa a sentir os sintomas da modernidade com a chegada do automóvel, é o fio condutor da crônica. Nada escapa às lentes do narrador astuto que, ao se deparar com um velho na boleia de um “*vis-à-vis* pré-histórico”, é movido por uma recordação que, no primeiro momento, surge empoeirada como é possível notar na narrativa: “[...] Seria uma recordação literária ou a memória de uma fisionomia de infância? Seria o cocheiro de *Safo*, o irmão mais velho *Simeon*, ou simplesmente um velho cocheiro que eu tivesse visto na doce idade em que todas as emoções são novas? Era difícil adivinhar” (Rio, 1995, p. 71).

No diálogo seguinte a essa passagem, constata-se: “-

Braga, eu sou o Braga”. A identidade do saudoso cocheiro, que cultua a Monarquia, é revelada e, à medida que a narrativa avança, dá-se o encontro entre o novo e o velho sendo construído pela lente sensível do poeta, que se detém em cada detalhe, sem pressa. Isso fica evidente no modo como esquadrinha as relações e descreve as cenas. O narrador-personagem para e, tomado por imensa tristeza, ouve o cocheiro. Ele é tocado pela condição do cocheiro:

Pobre velho cocheiro a quem se dá como às crianças doces de confeitaria! Eu continuava encostado ao *vis-à-vis*, imensamente triste e com a mesma curiosidade de criança.

– Trabalho neste ofício desde 1870. Tinha vinte anos, quando comecei. Toda a minha mocidade foi acabada aqui.

– E não estás rico?!

– Rico?

Soltou uma gargalhada sonora que lhe balançou o ventre e envermelheceu mais. Os seus olhos pequenos olhavam-me da boléia [sic.] com superioridade compassiva. É difícil encontrar um cocheiro de carro que tenha feito fortuna. Enriquecem os de carroça, os de caminhões. De carro, só citam dois ou três em trinta anos. O ofício, longe de tornar ágeis os corpos, faz lesões cardíacas, atrofia as pernas, hipertrofia os braços, de modo que quinze anos de boléia [sic.], de visão elevada do mundo, ao sol e à chuva, estragam e usam um homem como a ferrugem estraga o aço mais fino. O Braga era um velho trapo encharcado. Tanto ádipo dava-me a impressão de que o pobre velho devia ter água nos tecidos (Rio, 1995, p. 72).

No diálogo acima, o narrador abre um espaço para o personagem Braga, como uma porta que se abre para o eco da consciência de si mesmo pela voz silenciada, por meio da qual ironiza sua própria existência e expõe as cicatrizes de uma

profissão – lesões cardíacas, atrofia das pernas, hipertrofia dos braços – metáfora de um sintoma produzido socialmente. É pela voz do personagem Braga, embora ingênuo, que se estabelece um diálogo entre o presente do enunciado e a velha monarquia, “[...] – A Monarquia tinha suas vantagens. Era mais bonito, era mais solene. Não vá talvez pensar que eu sou inimigo da República” (Rio, 1995, p. 73).

Num tom de denúncia, o olhar do escritor-repórter vai além. Ele capta o extraordinário no corriqueiro e o transforma em arte. Ele conduz o leitor pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, o espaço democrático por excelência onde todos se igualam, “o espaço público partilhado por todos, o espaço da diversidade, da diferença” (Gomes, 2005, p. 2), que se corporifica no alarido de vozes e seres.

Considerações finais:

A crônica, por ser filha do jornal, traz em sua gênese uma intrínseca relação com a sociedade; e, sendo assim, exerce função social relevante. E, ainda, considerando o deslocamento que ela sofreu, deixando de ser exclusivamente informativa, quando se aproxima da poesia, quando o sublime faz morada em sua composição, ela promove uma experiência que suscita a força humanizadora, “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (Candido, 2002, p.82). Ao alcançar esse nível, ela é capaz de abrir portas de dentro, ou seja, portas da sensibilidade, portas para o encontro com o Outro e tantas outras portas que a arte literária tem o poder de abrir, como sugere o poema da nossa epígrafe, *Fábula de um arquiteto*, de João Cabral, “portas por-onde, jamais portas-contra:/ por

onde, livres: ar luz razão certa.”.

João do Rio personifica a rua da cidade e afirma que ela é o espaço de acolhimento, o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte, é o lugar onde os desgraçados podem sentir o auxílio dos deuses ao verem deslindar à sua frente portas que se abrem, pois “uma rua abre para outra rua”. De certa forma, é possível afirmar que a tônica da obra de João do Rio dialoga com o poema *Fábula de um arquiteto*, no sentido de expressar na configuração da rua reflexões sobre o “aberto”, a rua simboliza “portas por-onde” contrapondo-se ao controle estrutural arquitetado para que a relação de interdependência entre os subalternos e a burguesia permaneça, mantendo a “ordem” estabelecida desde tempos remotos.

A partir do recorte da vida e obra de João do Rio, apresentado neste artigo, percebemos que a relação entre literatura e imprensa atua como um agente de sensibilização, de conhecimento e de reflexão de uma sociedade em transformação; e nos possibilita observar como as mudanças sociopolíticas interferem profundamente na vida daqueles passam a ser descartáveis, que já não encontram lugar na nova ordem estabelecida pela “civildade” que “renegou dar a viver no claro e aberto/ Onde vãos de abrir, ele foi amurando”.

Referências

- ANTELO, Raúl. As rugas de João do Rio. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 5, p. 91-105, jan. - dez. 1985.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005 (Academia Brasileira de Letras).
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Para gostar de ler: crônicas*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003. v. 5, p. 89-99.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p.77-92.

GOMES, Renato C. *João do Rio*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

LAMPEDUSA, Giusepe T. *O Leopardo*. Tradução de Rui Cabeçadas. Printer Portuguesa, 1974.

MELO NETO, Cabral. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.